

Elaborado por Marcelo Dantas

[estudosmec@pibrj.org.br](mailto:estudosmec@pibrj.org.br)

## **O evangelho vivido na vida do cristão**

*(IIJo)*

Alguns creem que esta epístola seja na verdade um anexo de primeira João de forma a tratar do assunto de forma mais específica para com determinada igreja. “A carta de 2João talvez funcione como “carta oficial”, como as que os sumos sacerdotes enviavam aos leitores judeus fora da Palestina. A extensão é a mesma da de 3João. Ambas as cartas provavelmente foram limitadas a esse tamanho pela única folha de papiro em que foram escritas. Diferentemente das cartas do Novo Testamento em geral, a maioria das cartas antigas tinha essa extensão. (...) Assim como 1João, 2João trata do problema dos secessionistas. Estes adotavam uma perspectiva inadequada a respeito de Cristo, que consistia, provavelmente, em um meio-termo entre o cristianismo e o judaísmo, adotado por causa da pressão das sinagogas (...), ou em uma relativização de Jesus para permitir um meio-termo entre o cristianismo e o paganismo (...). A segunda hipótese é a mais provável.”<sup>1</sup>

“João destinou sua segunda epístola a uma mulher que ele designou como escolhida por Deus para a salvação. Em meio às serpeantes heresias do século primeiro, ela creu verdadeiramente em Cristo e na verdade porque, para falar com toda a franqueza, havia sido nomeada por Deus para que assim

cesse. Ela demonstrava todas as provas da nova vida em Cristo que João havia delineado em sua primeira epístola. Essa é a razão pela qual João pôde falar com tanta certeza sobre a eleição desta cristã. Não fosse a realidade da doutrina da eleição, ninguém seria salvo. Temos aqui a gloriosa vitória da vontade de Deus sobre a vontade do homem: O presbítero à senhora eleita e aos seus filhos. Os filhos da sua irmã eleita lhe enviam saudações. — 2João 1a,13

João identificou a destinatária desta carta como uma particular mulher que era uma “senhora eleita”. Ela deu prova visivelmente de que era uma pessoa eleita por exemplificar os necessários sinais vitais da regeneração. Como essa senhora, todos os crentes são “eleitos”. Foram escolhidos por Deus para ser seu povo antes do princípio do tempo. A palavra traduzida por “eleita” (eklektos - eleito) significa tanto “escolhido” dentre muitos, como de um número maior.”<sup>2</sup>

Um ensino diferente nesta epístola que é de suma importância, especialmente para os dias de hoje, é o do versículo 9 que diz que “Todo aquele que vai além do ensino de Cristo e não permanece nele, não tem a Deus; quem permanece neste ensino, esse tem tanto ao Pai como ao Filho.” (2 João, 1.9).

---

<sup>1</sup> KEENER, Craig. Comentário Histórico-cultural do Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2017. p.843

<sup>2</sup> LAWSON, Steven J. Fundamentos da graça: 1.400 A.C. - 100 D.C. : longa linha de vultos piedosos: volume 1. São José dos Campos: Fiel, 2012. p. 736.

O falso ensino é todo aquele que fica aquém ou vai além das escrituras. Spurgeon viu isto em sua época e em uma de suas biografias consta seu relato: “Perto do final de seu ministério, Spurgeon viu igrejas recorrendo a meios carnais para atrair as multidões ao evangelismo. O púlpito foi substituído por um palco e o sermão por entretenimento. Com tal infiltração mundana, a verdade bíblica estava diluída e havia severa perda de poder na pregação evangelística. Sentindo urgência, Spurgeon declarou: "Por todo lado, existe apatia. Ninguém se importa se aquilo que está sendo pregado é verdadeiro ou falso. Um sermão é um sermão, qualquer que seja o assunto - desde que, quanto mais curto, melhor". Mas Spurgeon recusou fazer concessões ou transigir. Permaneceu consumido por uma única paixão pela verdade bíblica.”<sup>3</sup>

“Era preciso acolher os visitantes e alojar os viajantes (cf. 3Jo 5,6; é possível, embora não haja certeza a respeito, que as casas em questão também fossem igrejas domésticas). Os primeiros missionários cristãos haviam dependido desse tipo de hospitalidade desde o começo (Mt 10.9-14). Os sofistas, que eram filósofos itinerantes, cobravam pelo ensino que ofereciam, assim como alguns dos oponentes de Paulo em Corinto provavelmente o faziam.

Mas do mesmo modo que os judeus não receberiam em casa um samaritano ou alguém que considerassem ímpio, os cristãos precisavam ser seletivos na hospitalidade. Os primeiros escritos cristãos (sobretudo um texto, presente em muitas tradições de autoridade, conhecido como Didaquê) mostram que alguns profetas e apóstolos eram itinerantes e que nem todos eles eram verdadeiros profetas e apóstolos. As saudações eram parte importante do protocolo social da época, e o propósito era da saudação (“Paz seja convosco”)

ser uma bênção ou uma oração que transmitisse paz.

(...) Nos Manuscritos do Mar Morto, aquele que provia para um apóstata era visto como simpatizante dele. O simpatizante era, portanto, expulso da comunidade, assim como o apóstata havia sido. Alojjar ou abençoar um falso mestre era visto como atitude equivalente a ser colaborador dele.”<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> LAWSON, Steven J. O Foco Evangélico de Charles Spurgeon, São José dos Campos: Fiel, 2012.

<sup>4</sup> KEENER, Craig. Comentário Histórico-cultural do Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2017. p.844